

INTO THE WILD: UMA AVENTURA ADOLESCENTE.¹

Maurício Da Silveira Soares².

¹ Revisão Literária

² Acadêmico do 10º semestre do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Introdução

O presente artigo tem sua origem a partir de uma discussão ocorrida durante uma supervisão do(a) estágio/ênfase em Processos Clínicos (2013) do curso de Psicologia da UNIJUI, sobre a conflitiva adolescente aliada à leitura e reflexão do livro “Na Natureza Selvagem”, do escritor norte-americano Jon Krakauer.

Tal livro relata a história de um jovem, Christopher Johnson McCandless, 22 anos de idade, atleta de elite, músico, estudante excepcional, que resolve largar o conforto proporcionado pelos pais, e decide percorrer os Estados Unidos da América, México, Canadá e, enfim, o Alaska na condição de andarilho ou Leather Tramp. O desapego aos objetos de consumo são fundamentais para alimentar a ideia de liberdade do protagonista.

A ideia da liberdade que os andarilhos teriam, por não terem amarras sociais, nos fascina. Em décadas passadas essa ideia seduziu alguns intelectuais, chegaram a idealizar o lumpensinato, como modo de vida, e até seriam eles a subsistir o proletariado na vanguarda dos processos revolucionários. Isto se dá no mesmo momento de uma construção global, que foi o movimento de contracultura dos anos 60, quando grande parte da crítica ao sistema era o excesso de significação que damos aos objetos, essa fetichização do objeto a ser consumido (CORSO, 2000, p. 76).

Logo no começo de sua jornada, nosso protagonista doou 24 mil dólares para uma instituição de caridade. Posteriormente, assume um novo nome, Alexander Supertramp, abandonando, assim, não apenas os seus pertences e vínculos com a sociedade que conhecia, mas também o seu próprio nome como modo de encarnar uma nova identidade.

É frequente que o nome ou o sobrenome sejam mal suportados pelo adolescente, apelando para os apelidos ou, como no caso de McCandless, um novo nome. Segundo Rassial (2005, p.133), ojerizar o nome, por parte dos jovens, “se manifesta tanto no mutismo dos adolescentes quanto na invenção ou na escolha de palavras que marcam uma geração. Estas palavras, numa dimensão performativa, vêm significar o gozo”.

A adolescência é uma idade de escrita e leitura. Formado pela Universidade Emory no verão de 1990, Chris desempenhava intensas atividades intelectuais. As Obras de Jack London, Leo Tolstoy

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

e Henry David Thoreau tiveram uma grande influência sobre McCandless. O jovem sonhava em deixar a sociedade para um período thoreauiano de contemplação solitária. Na natureza selvagem. [...] porque nesse momento em que se revela o engodo do significante através do engodo da promessa edípica, nesse momento em que a palavra dos adultos, pais e educadores é de fato contestada, há todas as razões para que por um lado seja tentada essa outra consistência da língua que é a escrita, em que o engodo das palavras na intersubjetividade é se não evitada ao menos diferida, no diário íntimo, mas também na carta de amor, e que de outro lado seja procurado na leitura uma outra verdade, uma outra lei que aquelas que do familiar ao social excluem o sujeito desejanter (RASSIAL, 1997, p.97).

Podemos observar que o adolescente é “bombardeado” de ideias e dúvidas. Tudo aquilo que entra em contato, sejam livros ou as próprias informações provenientes dos meios de comunicação, são suficientemente objetos de questionamentos e sustentadores de ideais, mesmo que sejam distorcidos pelo jovem a fim de adequar-se às suas necessidades.

Dessa forma, partir da análise do livro torna-se imprescindível para pensarmos ou, até mesmo, compreendermos sobre as implicações que conduzem os jovens, assim como Alexander Supertramp, ao desapego socioeconômico, bens de consumo, relações familiares, e perambular sem destino pelo mundo.

Faz-se necessário, então, pensar no andarilho como aquele que anda sem destino, buscando uma razão para a sua existência. O andarilho, então, procura algo que venha a preencher um hiato que, ao mesmo tempo, ele não sabe o que é, nem onde encontrar.

O mesmo hiato, por sua vez, é encontrado na adolescência. O adolescente não sabe se é criança ou adulto, compreende ser um intermediário ou um hiato entre essas duas “fases” da vida, que pode perpetuar até o dia da sua morte.

Este sujeito possui um corpo em desenvolvimento, elaborando o luto do seu corpo infantil, o que lhe permite ser, em teoria, adulto, mas paradoxalmente não demonstra estar disposto a abrir mão da atenção que os adultos direcionam às crianças; vive a moratória que os pais e a sociedade empregam-lhe, mas que também não sabem o que é ou o que faz do adolescente ser um adulto de fato.

Há de se destacar, também, o rito de passagem criança-adolescente-adulto, que é um grande questionamento da contemporaneidade. Logo, o adolescente não sabe o que é, nem mesmo qual a sua razão de ser, afinal, ele é alguma coisa pronta para ser adulto, mas que, por algum motivo desconhecido, não é aceito como semelhante no grupo. O que faz dele um adulto?

[...] como é difícil para nós, mergulhados nas preocupações rotineiras da vida adulta, lembrar quão vigorosamente fomos fustigados outrora pelas paixões e desejos da juventude. Como refletia o pai de Everett Ruess anos depois que seu filho de vinte anos desapareceu no deserto: "As pessoas mais velhas não percebem os vãos da alma do adolescente" (Krakauer, 2012, p. 193).

Os adolescentes, segundo alguns autores, são reflexos ou interpretações dos sonhos dos adultos, daquilo que outrora não pode ser expresso tendo em vista a normatividade que não os permitiram

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

lidar de melhor forma com o mal-estar provocado pelas leis que barram o seu desejo latente, o conteúdo que ficou recalcado pelos ascendentes destes jovens.

Em suma, o adolescente é levado inevitavelmente a descobrir a nostalgia adulta de transgressão, ou melhor, de resistência às antilibertárias do mundo. Ele ouve, atrás dos pedidos dos adultos, um 'Faça o que eu desejo e não o que eu peço'. E atua em consequência (CALLIGARIS, 2011, p. 98).

Os adolescentes idealizam a sociedade, em vezes se questionando subjetivamente sobre o que é ser e/ou como fazer parte da mesma, mais precisamente o que ela espera que eles façam para que possam ser reconhecidos socialmente e aceitos como membros efetivos da vida adulta.

O fato é que a adolescência é uma interpretação de sonhos dos adultos, produzida por uma moratória que força o adolescente a tentar descobrir o que os adultos querem dele. O adolescente pode encontrar e construir respostas muito diferentes a essa investigação. As condutas adolescentes, em suma, são tão variadas quanto os sonhos e os desejos reprimidos dos adultos. Por isso elas parecem (e talvez sejam) todas transgressoras. No mínimo transgridem a vontade explícita dos adultos.

O adolescente, na procura de reconhecimento, é culturalmente seduzido a se engajar por caminhos tortuosos onde, paradoxalmente, ele se marginaliza logo no momento em que viria se integrar. Pois o que lhe é proposto é tentar, ou melhor, forçar sua intenção justamente se opondo às regras da comunidade (CALLIGARIS, 2011, p.33).

O fato é que tanto Krakauer (2005) quanto McCandless e sua família, descrevem a difícil relação entre o pai Walt e o filho, Chris, como se este último estivesse sempre provando sua potência e desafiando regras ou explorando ao máximo suas capacidades, como se quisesse mostrar do que era capaz e ser reconhecido por isso. As questões vão desde o fato de o jovem ter estatura baixa ou de ser confiante demais, até a descoberta de segredos de família, os quais fizeram do pai, segundo o próprio Chris, uma figura desmoralizada para impor regras aos filhos.

Tendo em vista as condições socioeconômicas favoráveis e, ainda, partindo dos pressupostos da adolescência, propõe-se pensar: Quais as implicações possíveis abstraídas da adolescência (uma possível posição adolescente) que eliciaram o jovem Christopher McCandless ao se aventurar até o Alaska, e fugir da sociedade?

Essa trajetória nos mostra uma modalidade de loucura? Até pode ser, mas o que interessa não é isso e sim a opção feita por ele. Trata-se de uma opção por sair dos referenciais pelos quais nos pautamos, sair do referencial fálico, em linguagem laciana (CORSO, 2000, p.75).

Muitas pessoas opinam sobre a aventura do livro ou a filosofia dos andarilhos como sendo uma loucura. Os chamam de loucos, até mesmo por estarem fora dos padrões idealizados por quem vive e sobrevive no sistema chamado sociedade.

Para finalizar: a caminhada do andarilho é sem rumo, a vida do psicótico é sem rumo. O andarilho faz no espaço, na geografia, aquilo que muitos psicóticos fazem no terreno discursivo. Ou então, o louco procura nas palavras o caminho que o andarilho trilha (CORSO, 2000, p. 76).

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Essa forma de pensar caracteriza um mero equívoco que o senso comum comete. O andarilho não é um louco, é um modo de encarar o absurdo da vida. Como relata Charlie, dono de um trailer, que conviveu com McCandless:

Um cara legal, sabe, um cara bem legal. Mas não gostava de andar com muita gente. Temperamental. Bom sujeito, mas acho que tinha um monte de complexos, sabe como é? Gostava de ler livros daquele cara do Alasca, Jack London. Nunca falava muito. Era meio de lua, não gostava de ser incomodado. Parecia um garoto que estava buscando alguma coisa, buscando alguma coisa, só não sabia o que era (KRAKAUER, 2012, p. 53).

O objetivo geral deste artigo é a relação entre a aventura de McCandless e a questão adolescente. Já os objetivos específicos serão: analisar e refletir sobre os motivos que levam esses jovens a recorrerem à figura do andarilho como sendo a alternativa de suportar a moratória imposta aos adolescentes; compreender a aventura de Chris como, também, uma busca pelo reconhecimento por parte da sociedade ou da família.

Metodologia

Fora realizada, inicialmente, uma revisão do livro “Na Natureza Selvagem” do autor norte-americano Jon Krakauer, partindo de uma análise psicológica acerca dos determinantes que eliciaram o protagonista principal em sua jornada ao Alasca.

A pesquisa foi realizada a partir de um levantamento literário; o embasamento para esse estudo se apoia na teoria psicanalítica. A pesquisa, primeiramente, buscou levantar a bibliografia já publicada, o caminho já percorrido, e obter fontes de referência, para em seguida efetuar a leitura, as anotações, análise e interpretação desses materiais. A escrita é organizada em expor brevemente o conteúdo do livro “Na Natureza Selvagem”, focando na aventura de Christopher McCandless; bem como trabalhar os conceitos, as características e a contextualização da adolescência, para justificar o momento como facilitador para a aventura deste jovem.

Resultados e Discussão

O conceito de adolescência é contemporâneo e é indubitável observar que os fatos passaram-se no começo dos anos 90, onde o contexto social mundial era distinto dos anos atuais, principalmente em relação à informação, tendo como exemplo os meios tecnológicos digitais.

A figura do andarilho é confusa e facilmente confundida com mendigos ou loucos. A sociedade não reconhece o andarilho como alguém que tem possibilidade de retornar, até mesmo por que ele não faz questão de voltar e desacredita no sistema que é a própria sociedade. O andarilho, então, estaria, neste sentido, apontando a falta da sociedade.

Ao levantar os achados sobre o conceito de andarilho, podemos perceber que, na grande maioria, não são pessoas carentes intelectualmente, sendo que muitos desempenham atividades reconhecidas pela sociedade, mas que não parecem ser suficientes; o reconhecimento social que nos é imposto beira o absurdo e é então que a procura se dá pela fuga em relação à comunidade.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Ao comentar sobre as questões familiares, principalmente com o pai, não estamos com o intuito de julgar nenhum dos membros envolvidos, mas analisando elementos que possam permitir compreender as motivações (explícitas e implícitas) possíveis que conduzem os jovens, não apenas Supertramp, a tais aventuras.

Segundo análises posteriores a sua morte, o comportamento heterodoxo de McCandless pode ter relação com sua estatura e que por este motivo era conduzido a provar sua masculinidade por meios físicos extremos; era uma insegurança fundamental, ser “baixinho”. Além disso, um conflito edípico mal resolvido, implícito no modo como se dirigia ou falava sobre o pai, poderia estar na etiologia de sua odisseia.

Podemos em hipótese, abstrair alguma verdade do parágrafo acima. No entanto, este tipo de psicanálise póstuma de almanaque vem a ser uma análise duvidosa e/ou especulativa, já que o analisando não está mais entre nós. O que podemos analisar é proveniente do que fora levantado pela obra de Jon Krakauer, dos relatos da família e escritos ou registros do próprio Alex Supertramp. Ao supor as questões levantadas, mesmo que entrem na questão adolescente, corremos o risco de degradar ou banalizar a intimidade da família McCandless. Há de salientarmos ainda, que teríamos a infelicidade de colocar a aventura espiritual do jovem em qualquer código ou livro sobre doenças mentais. Há de se ter cuidado com isso.

A aventura pode ter sido uma alternativa de lidar com a moratória da sociedade e fazer disso a sua procura pela razão da existência ou, possivelmente, de reconhecimento frente aos adultos.

O comportamento nômade de McCandless pode ser encarado como um modo de sair do referencial fálico, daquilo que a sociedade nos impõe como ter ou fazer para ser potente, para mostrar a ela que não depende dela ou pode viver sem tais referenciais.

Conclusões

As relações afetivas com a família, as influências literárias envolvendo ideais de liberdade (equivocados) e de expedições à natureza ou de como viver como eremita, a desconsideração das demandas da sociedade ou discursos dominantes foram determinantes importantes para a motivação da viagem ao Alaska.

O andarilho e o louco são distintos enquanto conceitos.

Uma análise ulterior aponta para o despreparo prático e, principalmente, a superestima teórica, como auxiliares e/ou percussores na morte de Chris em decorrência de inanição. No caso, a ilusão de um saber absoluto, extraído dos livros e guias, não foi suficiente para a reflexão sobre os perigos e a própria condição mental que se encontrava o jovem.

Adolescência não é uma fase, pois não há como garantir ou quando determinar o seu fim, no caso de McCandless podemos apontar o rito de passagem a vida adulta no momento em que ele decide retornar à sociedade, pondo em fim sua expedição.

No entanto, não há como determinar a consistência desta passagem, pois o mesmo não retornou ao convívio em sociedade, ficando assim, a hipótese que o rito estaria marcado na reflexão sobre o que estava fazendo e sobre o sistema do qual estava fora.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Palavras-Chave: Adolescência; Andarilho; Natureza; Selvagem.

Referências Bibliográficas

- CALLIGARIS, C. A Adolescência. Publifolha: São Paulo, 2011. 81 p.
CORSO, M. Andarilhos, Mendigos e Loucos. In: O Valor Simbólico do Trabalho e o Sujeito Contemporâneo. Artes e Ofício: Porto Alegre, 2000. 299 p.
RASSIAL, J. A Passagem Adolescente: da Família ao Laço Social. Artes e Ofício: Porto Alegre, 1997. 198 p.
RASSIAL, J. O Adolescente e o Psicanalista. Companhia De Freud: Rio de Janeiro, 2005. 211 p.
KRAKAUER, J. Na Natureza Selvagem. Companhia das Letras: São Paulo, 2012. 213 p.